

DESENHO INFANTIL: UMA VISÃO PSICOPEDAGÓGICA

LEÃO, Geila Sibebe de Godoi Araújo ¹

RU: 2261623

PALOMA, Michely Isber Ruiz

RESUMO

O presente artigo traz algumas reflexões sobre o desenho infantil sob o enfoque da Psicopedagogia, objetivando solucionar a seguinte questão norteadora: Qual a importância do desenho infantil para a Psicopedagogia enquanto instrumento de avaliação diagnóstica?. A metodologia utilizada, foi uma Pesquisa Acadêmica Bibliográfica Qualitativa, de natureza Básica, em livros, artigos, e *sites* conexos à temática, fundamentado em teorias de conceituados autores como: Cagnet (2019), Hadadd (2019), Visca (2009) e Weiss (2020). O desenho para criança, não é apenas uma brincadeira, é uma forma de externalizar seus sentimentos e pensamentos por meio de traços, formas e cores. Como instrumento avaliativo no âmbito psicopedagógico, esse recurso tem grande valia, pois, através do mesmo pode ser identificado, no que se refere aos aspectos emocionais, a relação do sujeito com a aprendizagem. Assim, buscou-se nessa produção textual, sistematizar o conceito de desenho infantil e apresentar seus estágios e suas características, a fim de compreender a importância do grafismo para o desenvolvimento da criança. Em seguida, contextualizou-se o desenho como instrumento avaliativo psicopedagógico e descrito a relevância da interpretação e da avaliação do desenho infantil. Por fim, conclui-se expondo com aspectos relevantes, de que maneira o desenho auxilia no diagnóstico psicopedagógico, bem como sua importância para esse processo.

Palavras chave: Desenho Infantil. Psicopedagogia. Avaliação Diagnóstica. Interpretação. Aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

A presente produção textual pretende abordar algumas considerações sobre o desenho infantil em relação ao diagnóstico psicopedagógico, realizada a partir de uma pesquisa acadêmica bibliográfica. A questão norteadora para o desenvolvimento do artigo é definir qual a importância do desenho infantil para Psicopedagogia, enquanto instrumento de avaliação diagnóstica, tendo como objetivo principal identificar de que

¹Aluna do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Psicopedagogia.

maneira o desenho auxilia no diagnóstico psicopedagógico.

O desenho é considerado uma prática milenar, visto que desde do período da Pré-história ele é muito utilizado pelos homens. Atualmente, é utilizado de diversas maneiras e para diferentes propósitos. Para as crianças, naturalmente é uma prática muito comum desde muito cedo, visto que, antes mesmo de aprender a ler e escrever elas já iniciam a produzir os rabiscos.

As crianças utilizam do desenho como forma de comunicação, e através deles externalizam emoções, sentimentos e pensamentos que muitas vezes são impossíveis para elas expressarem em palavras. Além disso, ele é um excelente recurso avaliativo e através dele é possível coletar dados importantíssimos para o diagnóstico psicopedagógico.

Atualmente, o desenho contribui para a prática avaliativa de diversas áreas de conhecimento, não só para a Psicopedagogia, dado que ele revela muito dos aspectos intrínsecos ao sujeito, tanto cognitivos, quanto emocionais.

Considerando as premissas, o desenho então demonstra ser um recurso lúdico muito eficiente para a prática psicopedagógica, principalmente para o processo avaliativo, já que através do registro gráfico deixado pela criança, obtém-se uma melhor compreensão de como ela se encontra emocionalmente em relação à aprendizagem.

Assim, pensando que um bom diagnóstico tem como consequência uma boa intervenção psicopedagógica, é de extrema importância profissionais da área buscarem aperfeiçoamento quanto ao conhecimento relacionado ao desenho infantil, desde conceito, estágios de desenvolvimento e ainda mais como analisar e interpretar o desenho infantil, com intuito de obter um diagnóstico certivo e responsável.

Para, representar e explorar melhor o conteúdo sobre a temática, a organização do artigo foi feita da seguinte forma: Inicialmente definiu-se o tema: "Desenho infantil: uma visão psicopedagógica", após foi abordado o conceito histórico de desenho e sua relação com a infância bem como os estágios do desenho infantil. Ainda foi contextualizado o desenho como instrumento de avaliação diagnóstica psicopedagógica e apresentado como se dá a análise e interpretação do desenho infantil. Em seguida, realizou-se a descrição da metodologia adotada na produção textual e, por fim fez-se as considerações finais.

2. DESENHO: CONCEITO HISTÓRICO E SUA RELAÇÃO COM A INFÂNCIA.

A palavra desenho, origina-se do latim *designare* que significa “marcar, representar, ordenar, arranjar” e, de acordo com pesquisas científicas é muito utilizada desde a época da Pré-história, onde através de pinturas e gravuras nas paredes das cavernas, os homens primitivos se expressavam e se comunicavam.

Segundo Santos e Ribeiro (2019, p. 8), “A história do desenho começa quase que ao mesmo tempo em que a do homem.”. Na mesma linhagem Sila e Corte (2018, p. 41) afirmam que: “Nos tempos da pré-história, o desenho surgiu como meio de expressão, possibilitando a linguagem falada e escrita.”, com isso, compreende-se que a arte de desenhar acompanhou o homem desde a antiguidade.

De acordo com Derdyk:

“O homem sempre desenhou. Sempre deixou registros gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados à posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre esteve presente, desde que o homem inventou o homem. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais, e, por ser tão simples, teimosamente acompanha nossa aventura na Terra.” (DERDYK, 1990, p. 10, *apud* HANAUER 2013, p. 74).

Dessa forma, pode-se considerar o desenho como uma linguagem universal, que foi acompanhando a evolução do homem e também foi evoluindo, porém sua finalidade continuou sendo a mesma: uma forma de comunicação e de expressão para a humanidade.

Com a evolução do desenho, ele começou a ser utilizado pelos homens de diversas maneiras, como afirma Santos e Ribeiro:

“Ao longo dos séculos o desenho passou a ser utilizado cada vez de formas mais diferentes. Sendo até mesmo, um precursor da linguagem escrita, da fotografia e assim, do cinema e, até mesmo das representações cartográficas.” (SANTOS E RIBEIRO, 2019, p. 8)

De acordo com as autoras, no decorrer dos tempos, o desenho ganhou um espaço importantíssimo não só na área artística, mas também na área industrial, comercial, educacional entre outras. Sendo essa última área, o foco do presente estudo, tendo como elemento principal o desenho infantil e suas contribuições para o

diagnóstico psicopedagógico.

Embora o desenho, como já dito anteriormente, seja um recurso muito antigo e muito utilizado por toda humanidade desde a Pré-história, ele tem uma forte ligação com a infância, pois é muito natural e comum as crianças desde muito cedo utilizarem do desenho para se divertir, para se expressar e também para se comunicar.

É muito comum a criança fazer um desenho e oferecer como presente aos familiares, aos colegas, aos professores ou algum adulto que seja importante em sua convivência social. Segundo Cognet (2019), a criança utiliza do desenho para interagir com seus pares e através disso oferecer uma parte de si mesma para o outro. Ainda afirma que:

“Inconscientemente, ela bem sabe que aquele desenho, por mais tosco que pareça ser a olhos inexperientes que não conheçam o universo próprio à infância, fala sobre ela mesma, sobre seu desenvolvimento, desejos, temores e, até mesmo, angústias.” (COGNET, 2019, p. 13).

Sendo assim, pode-se afirmar que os traços, cores e formas, deixados pelas crianças nas mais diversas superfícies, expressam sentimentos e pensamentos, que muitas das vezes para elas, são inexpressíveis em palavras, conforme afirma Hanauer (2013):

“O desenho comunica e atribui sentido às sensações, sentimentos, pensamentos e realidade, por meio de linhas, formas, traçados e cores. Retrata a realidade e o imaginário, onde a criança expressa os seus sentimentos e sua compreensão de mundo. Cada traço diz, muitas vezes, mais do que palavras.” (HANAUER, 2013, P. 77)

Outrossim, o desenho também é considerado a primeira forma de expressão gráfica da criança, pois antes mesmo de ela aprender a ler e escrever, ela utiliza-o como forma de comunicação e expressão, assim como também utiliza dos gestos e da fala.

Sabendo que o desenho é uma representação gráfica, podemos afirmar também que ele é uma linguagem? Pensando que o desenho é um instrumento que auxilia na comunicação e na expressão do sujeito, sim, podemos considerá-lo como uma linguagem gráfica não estereotipada.

Para salientar essa premissa, Hanauer (2013) ainda acrescenta que:

“O desenho, como linguagem, também se constitui um instrumento do conhecimento e leva a criança a percorrer novos caminhos e apropriar-se do mundo. A criança que desenha estabelece relações do seu mundo interior com o exterior, adquirindo e reformulando conceitos, aprimorando suas capacidades, envolvendo-se afetivamente e operando mentalmente. Assim, ela externaliza sentimentos e expressa pensamentos.” (HANAUER, 2013, p. 75).

Ou seja, ao desenhar, a criança não só externaliza seus sentimentos e pensamentos, como também estimula suas capacidades motoras e cognitivas e, como consequência, potencializa sua capacidade criativa e amplifica seus conhecimentos o que contribui efetivamente para seu desenvolvimento.

No ponto de vista educacional, o desenho é considerado uma linguagem própria da criança, onde através das linhas, traços e cores ela expressa o imaginário, registra a realidade vivenciada por si e pelos seus pares ou até mesmo evidencia um pensamento sobre uma determinada coisa.

Geralmente é na fase dos 2 a 3 anos, que as crianças fazem seus primeiros “desenhos”. Eles são feitos por puro prazer de rabiscar e ver que tem algo feito por si mesmo no papel, ou seja, ela desenha para se divertir e brincar e, somente a partir dos três anos de idade, ela inicia com a intenção de representar algo em seus desenhos.

Com o passar dos tempos, a evolução cognitiva e psicomotora acontece e o desenho começa a tomar formas e significados diferentes para criança, ou seja, ela começa diferenciar as características de seus desenhos manifestando sua individualidade.

O desenho como forma de brincar e se divertir e, também como forma de se comunicar e se expressar, marcam o desenvolvimento infantil e os estágios em que as crianças se encontram. Nos diferentes estágios, os desenhos contam com características próprias e particulares de cada sujeito, porém, são similares na maioria das crianças, o que contribuiu para grandes estudiosos identificarem e classificarem as características dos desenhos com a fase de desenvolvimento da criança.

3. ESTÁGIOS DO DESENHO INFANTIL

O desenho infantil, evolui progressivamente de acordo com o

desenvolvimento cognitivo da criança. O primeiro estudioso que se interessou pelo desenho infantil foi Luquet, filósofo francês, que mediante uma abordagem cognitiva distinguiu os estágios ou também chamadas fases do grafismo infantil.

Para Luquet (1969, p.135), “O desenho infantil não mantém as mesmas características do princípio ao fim.”, isso o instigou, como também a outros ilustres teóricos da área buscar discernimento para o desenvolvimento e a evolução do desenho infantil.

Embora Luquet tenha sido pioneiro nos estudos sobre o grafismo infantil, outros estudiosos, embora sem grandes modificações, retomaram algumas etapas explicitadas pelo autor, pois segundo ele, o desenho infantil passa por apenas 4 estágios, sendo eles: Realismo Fortuito, Realismo Fracassado, Realismo Intelectual e Realismo Visual, deixando uma lacuna no período dos “rabiscos” e na passagem de um estágio para o outro.

Para Mèredieu (1979), esses estágios caracterizados por Luquet facilitaram muito no reconhecimento das fases do grafismo infantil, mas afirma que:

“Tais estágios formam planos fixos, instântaneos, para fixar características que assim se tornam mais facilmente reconhecíveis. Mas restaria situar todos esses dados numa perspectiva genética que pudesse não apenas descrever mas explicar”. (MÉRIDIÉU, 1979, p. 22).

Já em uma análise Piagetiana, a evolução do desenho infantil é marcada por 5 etapas, onde em uma abordagem epistemológica, descreve e caracteriza cada uma delas, relacionando-as com as fases do desenvolvimento humano. Essas etapas são divididas em:

- Garatuja: Compreende a idade de 0 a 2 anos (período sensório motor) e a idade de 2 a 7 anos (período pré-operatório), e é dividida em Desordenada e Ordenada, caracterizada pelo simbolismo.
- Pré-esquematismo: Também ocorre dentro do período pré-operatório, onde as relações espaciais aparecem devido aos vínculos emocionais da criança.
- Esquematismo: Essa etapa faz parte do início do período operatório concreto, compreendendo a idade entre 7 a 10 anos. Ela é caracterizada pelas

representações dos esquemas segundo as experiências emocionais da criança.

- **Realismo:** Nessa etapa a criança ainda continua no período operatório concreto, porém mais para o final, na idade entre 8 a 12 anos, evidenciando o formalismo e maior rigidez.
- **Pseudo Naturalismo:** Essa última etapa é compatível com o período operatório formal, que é a partir dos 12 anos de idade, nessa fase a criança coloca fim no desenho como arte espontânea e inicia colocando em seus traços e cores a sua personalidade.

Assim, segundo as afirmações dos autores acima mencionados, podemos compreender a importância de conhecer as etapas do grafismo infantil, para então, conseguir realizar uma boa avaliação do aspecto maturativo, cognitivo e emocional que a criança se encontra em relação a aprendizagem.

4. O DESENHO SOB O ENFOQUE DAS PROVAS PROJETIVAS PSICOPEDAGÓGICAS (PPP).

A psicopedagogia é a área do conhecimento que busca entender como ocorre o processo de aquisição do conhecimento e também compreender quais as possíveis causas das dificuldades de aprendizagem apresentada pelo sujeito. Para isso, é necessário alguns recursos ou instrumentos que auxiliam no diagnóstico psicopedagógico.

O grafismo ou desenho, é um desses recursos utilizados no processo de diagnóstico sob a ótica da Prova Projetiva Psicopedagógica, onde o sujeito através das tarefas propostas, consegue expressar no papel por meio de traços, rabiscos e cores, seus sentimentos em relação ao processo de aquisição do conhecimento e aprendizagem e até suas dificuldades.

Visca (2009) esclarece que as técnicas projetivas psicopedagógicas tem por objetivo geral investigar o vínculo do sujeito com três importantes domínios: o familiar, o escolar e o consigo mesmo. E, em cada um desses domínios existem três

níveis de consciência: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente, que abrange distintos aspectos, inclusive os aspectos da aprendizagem que é o foco do estudo da Psicopedagogia.

Importante ressaltar que, ao desenhar, o sujeito está no nível consciente, onde seus sentimentos e pensamentos são externalizados e representados nos traços, formas e cores, possibilitando assim a investigação das três dimensões já citadas acima, e suas nove ramificações, todas relacionados aos aspectos emocionais do sujeito em relação a aprendizagem.

Pain (1986) nos esclarece que:

“O exame das provas projetivas permitirá, em geral, avaliar a capacidade do pensamento para construir, no relato ou no desenho, uma organização suficientemente coerente e harmoniosa como para veicular e elaborar a emoção; também permitirá avaliar a deteriorização que se produz no próprio pensamento, quando o *quantum* emotivo resulta excessivo.” (PAIN *apud* WEISS, 2020, p. 119).

Haddad (2019, p. 96) também reforça que, as provas projetivas psicopedagógicas “são recursos muito valiosos para o processo avaliativo, pois são representações dos aspectos emocionais que se fazem presente.”, permitindo assim ao profissional de psicopedagogia analisar os vínculos emocionais que o sujeito apresenta com a aprendizagem e, de acordo com os resultados, traçar um plano de intervenção e se necessário fazer um encaminhamento para outros profissionais.

Assim, pode-se afirmar que o uso do desenho como recurso para avaliação diagnóstica é muito importante, visto que por meio deles podemos identificar os obstáculos emocionais presente que estão resultando em dificuldades de aprendizagem, como ressalta Castro e Gobetti (2018, p.41), quando afirma que, nesses casos “o desenho torna-se um importante instrumento de coleta de dados, visto que pode dar pistas dos aspectos que podem estar atrapalhando o processo de aprendizagem.”

Vale ressaltar que o desenho como instrumento de avaliação sob a perspectiva das técnicas projetivas psicopedagógicas, pode ser utilizado como desenho livre que geralmente é o mais utilizado e também como desenho-história, onde a criança conta uma história sobre o seu desenho, fazendo a junção do grafismo e da oralidade.

Weiss (2019) ainda ressalta que o uso do desenho no diagnóstico psicopedagógico conta com um excelente benefício, pois é fácil de administrar e utiliza apenas lápis e papel, que inclusive são de fáceis acesso. A autora ainda evidencia a boa aceitação por parte das crianças e também a ausência de restrição, pois não há uma indicação e limite de faixa etária, sexo, classe social e nível de inteligência.

Dessa forma, mediante as afirmações dos autores acima, podemos compreender que o desenho é essencial como recurso avaliativo psicopedagógico pois, conforme afirma Cognet (2019, p. 15): “o desenho é um precioso indicador do funcionamento psíquico da criança, de suas angústias, de suas capacidades de resiliência ou de suas desistências.”, cabendo assim ao profissional de psicopedagogia uma análise e interpretação responsável da representação gráfica de seus clientes/pacientes.

5. COMO ANALISAR E INTERPRETAR UM DESENHO INFANTIL

Segundo Bédard (2006, p.5), “Analisar um desenho não é o mesmo que interpretá-lo, pois existe uma diferença real e concreta entre ambos os conceitos.”. A autora ainda evidencia em sua descrição que, a análise é fundamentada em bases teóricas e direcionada para o lado mais técnico e racional, já a interpretação é o resultado ou a síntese dessa análise.

De acordo com Cognet (2019), para realizar uma boa análise de um desenho infantil, deve ser seguido uma metodologia que contém três pilares fundamentais, sendo eles: a análise formal, a abordagem psicodinâmica e a conversa em torno do desenho.

A análise formal é considerada uma impressão geral do desenho, considerando a escolha das cores, a fluência dos traços, o posicionamento dos elementos e a posição que o desenho ocupa na folha. Na abordagem psicodinâmica é levado em consideração o simbolismo, o imaginário e o concreto e, por último, e não menos importante, vem a conversa em torno do desenho. Essa conversa, não deve tornar-se em forma de interrogatório e sim de uma maneira mais leve, onde a verdadeira interação entre o sujeito e terapeuta ocorre, podendo ser abordados diversos temas de acordo com o resgistro gráfico feito pela criança.

Cognet (2019) ainda descreve alguns aspectos importantes que devem ser levados em consideração na análise e interpretação de um desenho:

“Em primeiro lugar, convém referir-nos ao que sabemos da criança, de sua história de vida, de sua problemática e, de qualquer modo, de seus interesses. Esses dados elucidam o segundo pilar da compreensão, ou seja, o recurso à clínica, à sua subjetividade enquanto terapeuta e, em certa medida, à sua própria criatividade a fim de ter acesso a uma forma de proximidade com o desenho e, conseqüentemente, com seu autor.” (COGNET, 2019, p. 33)

Para complementar a análise e interpretação, é de suma importância o terapeuta ter um olhar atento no momento de produção gráfica do sujeito, como afirma Weiss (2020):

“Durante a realização de qualquer desenho, é fundamental observar o processo de produção: a postura corporal, a motricidade fina, o ritmo como trabalha, a forma de elaborar as figuras e a cena – se começa a figura humana pela cabeça ou pelos pés, a necessidade do uso de régua, o so exagerado da borracha, o começar e amassar várias folhas etc.” (WEISS, 2020, p. 122).

Além disso, outro ponto bem significativo para a análise e interpretação de um desenho infantil, é ter consciência de que a análise deve sim ser feita de acordo com referenciais teóricos, porém, os aspectos a serem analisados não devem ser levados em consideração isoladamente, e sim em conjunto, juntamente com o que o sujeito fala acerca de seu desenho.

Deve-se ponderar também, o sujeito e sua história social, cognitiva, biológica e emocional, evitando generalizações, pois cada um tem suas singularidades e particularidades e cada produção gráfica é única e momentânea.

Na interpretação do desenho, ou seja, na síntese da análise realizada, alguns aspectos devem ser evidenciados e observados com muita atenção, tanto na parte gráfica, quanto na parte oral e comportamental.

Segundo Visca (2009), existem alguns indicadores para interpretação do desenho, sendo eles: as posições na folha, as posições e tamanhos dos personagens, as características corporais, inclusão ou exclusão de personagens ou outros elementos importantes, o ângulo de visão, entre, outros.

Já na oralidade, devemos considerar a contextualização temporal e espacial

das cenas, os temas e a coerência entre desenho, tema e relatos orais. E na parte comportamental, é necessário ponderar postura corporal, gestos voluntários e involuntários, motricidade fina e, domínio de materiais.

É importante lembrar que, como afirma Visca (2009, p. 33): “Os indicadores e significados encontrados, não implicam uma questão exaustiva e fechada que não dê lugar a dúvidas: cada especialista pode realizar novos descobrimentos ampliando o espectro de indicadores e significados.”.

Com isso, conseguimos entender que é de suma importância o profissional dominar as técnicas e saber analisar e interpretar com responsabilidade os desenhos feitos pelas crianças, visto que as técnicas, como afirma Haddad (2019, p.111) “... permitem verificar os vínculos que o avaliado tem em relação a si mesmo e aos ambientes escolar e familiar.”.

6. METODOLOGIA

Para a elaboração da fundamentação teórica do artigo, a metodologia utilizada foi uma pesquisa acadêmica bibliográfica com uma abordagem qualitativa e de natureza Básica.

Segundo Lima e Mito (2007), a pesquisa bibliográfica científica é considerada uma prática metodológica muito importante na formação do conhecimento científico de um determinado tema e, tem como foco fundamentar teoricamente o objeto de estudo e desenvolver novas teorias e ideias. O que se difere da pesquisa acadêmica, que tem como principal objetivo buscar novos saberes alusivos à temática abordada.

Santos (2018, p. 1), aborda essa diferença de maneira simples e objetiva, afirmando que: “Enquanto a pesquisa científica tem como foco o desenvolvimento de uma tecnologia ou descoberta dentro das ciências, a acadêmica pretende que o realizador aprenda algo sobre o assunto pesquisado.”. Assim, pode-se considerar que para desenvolver o presente artigo foi utilizado a pesquisa acadêmica, visto que o foco é aprofundar o aprendizado em relação à temática abordada.

Ainda em relação ao tipo de pesquisa, pode-se considerar que esse artigo é uma pesquisa bibliográfica, pois, conforme afirma Matos e Lerche *apud* Fonseca (2002, p. 31) “A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências

teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.”.

Quanto a abordagem, de acordo com a descrição de Silveira e Córdova (2009), essa pesquisa acadêmica é considerada do tipo qualitativa, visto que, não está fundamentada em representatividade numérica e sim em compreender pressupostos teóricos que os autores referenciados se norteiam, sem nenhuma alteração ou opinião pessoal do pesquisador.

Ainda, de acordo com Silveira e Córdova (2009, p.34), pode-se afirmar que essa pesquisa quanto à natureza, se enquadra na pesquisa Básica, pois esse tipo de pesquisa “Objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.”

Para iniciar essa pesquisa, fez-se necessário realizar um planejamento e estabelecer determinadas etapas para o seu desenvolvimento. Após a escolha do assunto, uma breve revisão auxiliou na definição do tema e na sua delimitação, possibilitando assim iniciar a realização do Projeto de pesquisa.

O projeto de pesquisa segundo Rodrigues (2011, p.158), pode ser definido “como um documento formal, que apresenta ações planejadas que serão realizadas no processo de pesquisa.”, é a primeira etapa e diga-se essencial para realização da pesquisa. A partir daí, procurou-se formular a questão norteadora, ou seja, o problema em que se baseou a pesquisa e, posteriormente iniciou-se o desenvolvimento do artigo.

A presente pesquisa foi realizada em livros, artigos, e *sites* relacionados à temática, mas para isso foi necessária realizar uma revisão literária, que segundo Pizzani (2012):

“...pode ocorrer nas listas de citações de trabalhos fundamentais para o tema ou similares ao que se pretende fazer; nas listas de citações de revisões recentes da literatura; em idéias e dicas dadas pelo orientador, colegas, congressos, etc.” (PIZZANI et. al, 2012, p. 58).

Após a revisão literária, foi selecionado alguns artigos e trabalhos científicos, encontrados em sites de buscas, de bases de dados textuais, sendo eles: Scielo e Google acadêmico e alguns livros físicos e assim deu-se início a produção textual. A pesquisa foi embasada no ponto de vista de distintos autores da área de conhecimento em questão, como Cognet (2019), Hadadd (2019), Visca (2009),

Weiss (2020), entre outros.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada, percebe-se que a maioria das crianças, naturalmente gostam de desenhar, sendo para algumas crianças a atividade preferida, podendo-se dizer assim que o desenhar faz parte da vida das crianças, onde através de suas produções gráficas, elas inventam, criam e sonham.

Ao desenhar, a criança externaliza nos riscos, traços e cores seus mais profundos sentimentos e pensamentos, manifestando graficamente sua identidade e deixando aflorar sua criatividade e imaginação. Esse registro gráfico que, para muitos é trivial, é carregado de significados e detalhes que nos contam muito sobre o sujeito que o faz. Desse modo, reconhece-se que, junto com tantos outros recursos, este que é tão comum no universo infantil, é de extrema relevância para a *práxis* psicopedagógica.

Na área da Psicopedagogia, o desenho se dá como um instrumento de coletas de dados sob a perspectiva das Provas Projetivas Psicopedagógicas e, por meio delas é possível observar e detectar aspectos que são projetados no desenho e são muito importantes para o desenvolvimento da criança no que se refere ao seu emocional em relação à aprendizagem.

Porém, é importante destacar que, o desenho não está ligado somente aos aspectos emocionais da criança, mas também aos aspectos cognitivos, motores e maturativos, ou seja, ele está relacionado ao desenvolvimento global da criança.

Como sabemos, o desenho é muito utilizado, não só por psicopedagogos, mas por vários outros profissionais que estão ligados a infância. Porém, por ser uma produção muito importante, o desenho da criança necessita de uma análise e interpretação mais consciente e responsável.

Assim, devemos considerar que ao utilizar o desenho como instrumento diagnóstico, a análise e interpretação deve ser realizada tendo a preocupação de olhar o sujeito como um todo, não interpretar os fatos e os elementos gráficos isoladamente, mas sim dentro de um contexto que abrange a identidade da criança, seu histórico familiar e escolar, entre outros elementos.

Outro ponto importante a se destacar, é que ao analisar um desenho,

observa-se não só a representação gráfica, mas também a oralidade da criança, a história que ela conta sobre o desenho, seus gestos, sua postura corporal, suas expressões faciais. E com isso tudo, ainda devemos lembrar que essa interpretação é considerada como uma hipótese, que só vai fazer sentido quando juntarmos com resultados de outros testes, trazendo assim benefícios para o processo clínico e muito mais para a criança em si em todo seu círculo social e familiar.

Dessa forma, é crucial que os profissionais atuantes da área e futuros profissionais, adquiram o conhecimento necessário para explorar esse recurso e para analisá-lo e interpretá-lo de maneira responsável e percebam que por mais que seja comum o ato de desenhar para uma criança, ele é muito importante, pois aquele desenho fala de si mesmo, de seus sentimentos e pensamentos, sejam eles bons ou ruins.

Afirma-se ainda que, é necessário tanto os profissionais quanto os familiares, reconhecerem a importância que o desenho representa para a criança, deixando para trás a ideia de que o desenho é somente um passatempo, visto que, por mais que ele seja um recurso lúdico, ele nos diz muito de quem o faz e traz consigo muitos significados ocultos que necessitam de um olhar mais apurado. Sendo assim, conclui-se afirmando que o desenho quanto instrumento avaliativo psicopedagógico é de extrema importância ao Psicopedagogo.

REFERÊNCIAS

BÉDARD, Nicole. **Como interpretar o desenho das crianças**. São Paulo: Isis, 2006.

CASTRO, Márcia Prado; DOS SANTOS GOBETTI, Viviane Maria. O DESENHO INFANTIL. **Revista de Pós-graduação Multidisciplinar**, v. 1, n. 4, p. 37-46, 2018. Disponível em: <http://www.fics.edu.br/index.php/rpgm/article/view/768>. Acesso em: 20 out. 2021.

COGNET, Georges; COGNET, Anna. **Compreender e interpretar desenhos infantis** - 3ª. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

DA FONSECA, João José Saraiva. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**. João José Saraiva da Fonseca, 2002.

DA SILVA, Reginaldo Josué; DELLA CORTE, Julio André. O Desenho como recurso psicopedagógico. **Revista Diálogos Acadêmicos IESCAMP**, v. 1, n. 1, p. 40-46, 2018. Disponível em: <https://revista.iescamp.com.br/index.php/redai/article/view/32>. Acesso em: 01 out. 2021.

DOS SANTOS, Hizaete Pereira; RIBEIRO, Janicleide Maria. **As contribuições do desenho infantil no aprendizado das crianças**. Bahia, 2019. Disponível em: <http://faecba.edu.br/wp-content/uploads/2019/12/1-artigo.pdf>. Acesso em: 01 out. 2021.

HADADD, Monaliza Ehlke Ozorio. **Avaliação psicopedagógica clínica**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

HANAUER, Fernanda. Riscos e rabiscos: o desenho na educação infantil. **Revista de Educação do Ideau**, Rio Grande do Sul, v. 6, n. 13, p. 1-13, 2011. Disponível em: https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140_374.pdf. Acesso em: 16 out. 2021.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, p. 37-45, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 21 out. 2021.

LUQUET, Georges Henri. **O desenho infantil**. Porto: Companhia Editora do Minho - Barcelos, 1969.

MÈRIDIEU, Florence. **O desenho infantil**. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

PIZZANI, Luciana. et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. RDBCI: **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 21 out. 2021.

RODRIGUES, Auro de Jesus. et al. **Metodologia Científica**. 4ª ed., Aracaju: Grupo Tiradentes, 2011.

SANTOS, Gildenir Carolino. **Pesquisa acadêmica: tudo o que você precisa saber**. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/blog/index.php/2018/09/15/pesquisa-academica/>. Acesso em: 21 out. 2021.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-44, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213838/000728731.pdf?sequence=1>. Acesso em: 21 out. 2021.

VISCA, Jorge. **Técnicas projetivas psicopedagógicas e pautas gráficas para sua interpretação.** 2ª ed., Buenos Aires: Visca & Visca, 2009.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar** - 14ª. ed., Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.